



NA COMPANHIA DE FOUCAULT: multiplicar acontecimentos

Rosa Maria Bueno Fischer

RESUMO – *Na companhia de Foucault: multiplicar acontecimentos.* Discuto no artigo alguns tópicos dos ditos e escritos de Foucault, identificados como rica herança para o cotidiano de uma pesquisadora em educação. Trato principalmente do modo foucaultiano de investigação e escrita: a relevância das descontinuidades históricas; o trabalho de multiplicação dos sujeitos e dos discursos, tomados como acontecimentos; a complexidade dos enunciados, para além de representações e interpretações; a importância da problematização do presente; a entrega às transformações do percurso de investigação e do próprio pensamento.

Palavras-chave: *Foucault, acontecimento, descontinuidade, pesquisa em educação.*

ABSTRACT – *In Foucault's company: to multiply events.* I discuss some topics of Foucault's essential works, identified how rich heritage to researches on education. I specially discuss the foucaultian way of studying and writing: the theme of historical discontinuities; the multiplication of subjects and discourses, which are treated as events; the complexity of statements, beyond to work with representations and interpretations; the relevance of problematising our present life; the dedication to transform the own trajectories of researching and thinking.

Keywords: *Foucault, event, discontinuity, educational researches.*

No lugar das unidades límpidas, claras e essenciais, as multiplicidades sujas de vida, púrpuras de sangue, imprevisíveis, inesperadas, miríades de acontecimentos. No lugar da comunicação transparente, jogos de verdade que se fazem em meio a inumeráveis obstáculos, quase sempre fora de qualquer controle. No lugar do poder soberano, “mau em si”, a existência imersa em relações de poder, pelas quais se criam variadas estratégias de conduzir a si mesmo e aos outros. No lugar de saberes que esclarecem, saberes que inventam permanentemente o segredo. No lugar da sucessão de fatos, a história das descontinuidades. No lugar do sujeito do conhecimento, o pensamento sobre a vontade de saber. No lugar das clássicas oposições de mostrar e denominar, as ausências da linguagem, o divórcio mesmo entre as palavras e as coisas. No lugar da interioridade da linguagem-verdade, da linguagem-eternidade, da linguagem-homem – a escrita (e a loucura) como pura exterioridade. No lugar do pensamento que progride e justapõe temáticas, a produção intelectual que oferece o antes impensado no interior do próprio pensamento.

Essa a experiência com Foucault. Esse o generoso legado de que me faço herdeira, e que depois de me ter tornado “maior”, como escreve Jorge Larrosa em texto deste dossiê¹, sempre me confunde, me mobiliza, me impulsiona. Neste artigo, o desejo é conversar com o leitor sobre o prazer e por vezes o terno incômodo de estar na companhia de Foucault, na condição de leitora, de estudante, de professora, pesquisadora, de jornalista, de orientadora de investigações em pós-graduação. Escolho alguns tópicos dos ditos e escritos de Foucault, para dizer de que modo esse pensador me faz sempre diferente do que sou, de que modo seus trabalhos me sugerem outras formas de inventar aulas, pesquisas, de imaginar objetos de estudo, produzir indagações, sombras, vertigens, duvidar do que está dado ou assentado, na educação e nos tantos campos de saber pelos quais transitamos.

Numa palavra, talvez pudesse afirmar que a seleção de tópicos se fez aqui como um produtor de vinho escolheria, com o máximo esmero, as uvas de um belo tinto: escolho o mote da multiplicidade dos acontecimentos como aglutinador de um saboroso líquido a inspirar um jeito especial de fazer história, filosofia, literatura, ficções, pensamento sobre o presente. O objetivo é trazer para o âmbito cotidiano da educação o que Foucault – na esteira de Nietzsche, vale dizer – nos sugere não só como modo de estudar, mas principalmente como modo de cada um inventar e experimentar a si mesmo, na singularidade das próprias travessias. Valho-me também, em algumas passagens, de interrogações e perplexidades que sucedem com frequência, em meio à leitura de investigações sobre temas específicos da área de educação, de modo particular em meio a pesquisas sobre juventude, mídia, artes de si e cultura da imagem, que tenho desenvolvido nos últimos dez anos².

Nem o espírito de época, nem as influências: antes, a descrição das transformações

Para quem estuda as relações entre os meios de comunicação e os processos de subjetivação na cultura, nada mais comum (e irritante) do que a mesmice do questionamento a respeito das “influências da mídia”: influência sobre as crianças, sobre os jovens, sobre públicos das camadas populares, sobre todos. Desde as primeiras leituras de e sobre Foucault, aprendi (e continuo aprendendo) a desfazer-me – como quem resolve arrumar a casa e dispensar objetos obstrutores de ar e espaço – de um fardo que parece grudar-se em nós, como se, sem ele, nos puséssemos de uma vez e para sempre ao desamparo: a busca da explicação causal, a fórmula direta e sem escalas do “se isso ... então, aquilo”, o raciocínio esquemático das influências e das conseqüências diretas e inevitáveis. Temos aprendido (e ensinado) a pensar qualquer coisa, da história da literatura à formulação de um teorema matemático, da trajetória de um pintor à história de uma grande guerra mundial, sempre e eternamente a partir do esquema infalível da causalidade linear, das influências de certos fatos ocorridos neste lugar, naquela época, do espírito de uma época, da proeminência de um certo ator ou autor, e assim por diante.

Talvez esteja me fazendo simplista por demais, recorrente, repetitiva até, em relação ao que já se disse de Foucault, ou ao que ele mesmo escreveu tantas vezes. Não importa. Reitero, replico. Reitero e replico tantas vezes quanto for preciso, já que nossas práticas pedagógicas diárias – não somente na escola, também nas igrejas, na publicidade, na mídia de maneira geral, nas empresas públicas e privadas, em tantos espaços institucionais, até no espaço virtual da Internet – parecem cristalizar modos de aprender e ensinar, modos de ter acesso a determinada informação, a uma fórmula de física ou a um poema, modos nos quais brilha, quase ofusca e cega, a estratégia simplista pela qual saber é firmemente associado a consolar. Se pudermos identificar meia dúzia de causas, de elementos contextuais, de grandes feitos e grandes obras; se conseguirmos reunir cinco ou dez fatos explicativos, se chegarmos a esquematizar e reduzir o pensamento de um autor ou as regras de acentuação das paroxítonas na Língua Portuguesa – eis que temos um resultado, eis a luz sobre a obra tal ou qual, sobre tal ou qual conceito, eis-nos descansados. Eis-nos por fim livres de outras possibilidades que gritam a cada movimento indesejável do menino na carteira da sala de aula, a cada correria incontrolável no recreio escolar, a cada indisposição ou tristeza do professor na véspera de uma segunda-feira cheia, a cada gesto de enfado do jovem diante das letras desfocadas e mortas do texto fotocopiado em suas mãos, a cada felicidade clandestina da criança absorta em destroços e sucatas ou do adolescente em fuga surfando nas *webs* da vida, a cada campo de saber que poderia ser lido e pensado de outro modo.

“O saber não é feito para consolar”, escreve Foucault³; “ele decepciona, inquieto, secciona, fere” (Foucault, 2000, p. 255). Exatamente na mesma época,

novembro de 1970, véspera de uma de suas mais belas aulas no Collège de France⁴, Foucault comentava dois livros, “grandes entre os grandes”, do filósofo e amigo Gilles Deleuze⁵: em “Theatrum philosophicum”, ele insiste no que vinha fazendo desde anos anteriores, sobretudo em *A arqueologia do saber*, ou seja, a crítica aos modos de pensar o acontecimento, pelos movimentos do neopositivismo, da fenomenologia e da filosofia da história. Também aí, nessas tentativas, Foucault identificava uma espécie de confinamento do *événement*, seja pelo fato de este ser confundido com um “estado de coisas”, seja por ser teimosamente deslocado em direção ao sentido (separado do próprio acontecimento), seja ainda por ser aprisionado ao ciclo passado-presente-futuro da história (cfe. Foucault, 2000d, p. 238).

A acolhida de Foucault em relação ao pensamento deleuziano, em que pesem as diferenças conceituais em jogo, está estreitamente relacionada ao que vinha produzindo até então, desde a *História da loucura*, e que punha em prática, a cada nova pesquisa, uma espécie de perturbação ou turbulência intelectual e existencial, que lhe permitiu deslocar um velho problema, que pôde expressar em perguntas como: afinal, se há coisas “reais”, como elas acontecem no interior dos discursos? O que ocorre? Poderia afirmar-se que alguns sujeitos operam sobre as coisas e as inscrevem, transcrevem e transformam em palavras? Ou estas é que nos impulsionam a ver e tratar as coisas deste ou daquele jeito? As perguntas de Foucault, aqui reescritas, poderiam ser outras, de hoje, e sobre um tema qualquer, como o da visibilidade de certos grupos na mídia brasileira. Vejamos: afinal, se há realidades como a dos meninos pobres e negros, das favelas do Rio de Janeiro, de que modo tais “concretudes” puderam tornar-se imagens, textos, sons, cortes, seqüências, no filme *Cidade de Deus* ou na microssérie de Rede Globo *Cidade dos homens*⁶? Foram cineastas e diretores de cinema e TV ou o próprio escritor do livro que fizeram essa transposição? Que relações estabelecer entre os movimentos de negros, na sociedade brasileira deste início de século, e a aparição das ruelas pobres dos morros cariocas na tela da TV ou no filme de Carvalho, exposto nas locadoras de DVD de Nova York? Tais imagens provocam efetivamente um novo modo de escrever e inscrever no social o outro negro, pobre, favelado, tratado como subcidadão?

Ora, o modo de elaborar essas questões está diretamente relacionado ao modo de perguntar foucaultiano, ao deslocamento produzido pelo filósofo na maneira de fazer história: esse deslocamento se faz a partir da criação de uma espécie de teoria das práticas discursivas, chamada de arqueologia, cujo centro é a descrição dos acontecimentos, a descrição das transformações dos enunciados, dos discursos. Tal proposta fere no coração grande parte das teorias (como as pedagógicas, que conhecemos mais de perto), relacionadas ao chamado sujeito do conhecimento, e que se fundam predominantemente na abordagem fenomenológica: aquelas teorias segundo as quais haveria um sujeito da observação (e do conhecimento) a ser privilegiado; seu ponto de vista (do sujeito) se

tornaria a própria origem da historicidade; haveria ali, a partir dessa perspectiva, uma íntima e profunda consciência a exprimir-se. O deslocamento feito por Foucault fere também todas as filosofias da representação, a busca daquilo que foi dito pela primeira vez em algum dado lugar e tempo, a busca alucinada e interminável da origem, da semelhança, da imitação, enfim, da fidelidade, da coincidência entre o falado (dito) e o que ele representa ou pode vir a representar, a partir de nossas interpretações. Fere, ainda, não só todas as nossas consoladoras análises das continuidades, mas sobretudo as explicações de contextos, de épocas, como unidades que se impoem às coisas ditas.

Mas o que quer uma teoria das práticas discursivas? Tão só descrever acontecimentos discursivos. E isso não é pouco. Trata-se de flutuar no limite das coisas e das palavras, como escreve Foucault a respeito dos livros de Deleuze – justamente porque o acontecimento não se reduziria jamais a um estado de coisas, funcionando como o referente de algo que foi dito e cuja veracidade ou falsidade buscaríamos investigar. Muito menos poderia ser reduzido a fatos cuja profundidade precisaria ser escavada, na busca de secretas relações, escondidas, “mais silenciosas ou mais profundas do que a consciência dos homens” (Foucault, 2000b, p. 146). Na entrevista sobre o lançamento do livro *A arqueologia do saber*, o autor explicita: “Tento, ao contrário, definir relações que estão na superfície dos discursos; tento tornar visível o que só é invisível por estar muito na superfície das coisas” (idem).

Nessa perspectiva, e seguindo com o exemplo do filme e da microssérie, *Cidade dos homens* e *Cidade de Deus*, poderíamos dizer que os corpos infantis e adolescentes dos meninos e meninas da favela, namorando, desejando o tênis importado, segurando a arma pesada, vigiando a entrada do morro, soltando pipa, submetendo-se ao sexo cru, sonhando banquetes – esses corpos infantis produzem outros corpos, os corpos-imagens, do cinema ou da TV, corpos-ficção, corpos de uma outra temporalidade e espacialidade, distintas (mas não isoladas) do tempo e do espaço de meninos e meninas “concretos”. Diria que ambos, os meninos da “realidade” e os meninos da “ficção”, numa trama complexa e de difícil descrição, amam, vivem, brincam, estudam, comem ou não comem, matam, morrem, são mortos – sob determinadas condições, é certo, e muito concretas, palpáveis, mensuráveis até, mas às quais sempre escapa a própria dimensão do acontecimento, isso que é produzido na superfície de todas essas relações, que é efeito delas e que diz respeito a uma outra trama, irreduzível e da qual tentamos, inutilmente, dar conta. Ora, é disso que se trata em Foucault: de estabelecer relações entre várias camadas de tramas, entre distintas (e comunicáveis entre si) camadas de multiplicidades; ou seja, trata-se sempre, para ele, de descrever acontecimentos.

Penso que a trama discursiva pretendida pelo arqueólogo aproxima-se bastante do que Deleuze escreveu em *Lógica do sentido*, comentada por Foucault em “*Theatrum philosophicum*”. O acontecimento “morrer”, por exemplo, não se

localiza na concretude de um lugar, nem de um exato momento, porque é sentido-acontecimento, ou seja, é simultaneamente o modo presente – (o menino) morre ou mata (pelo tênis) – e o modo infinitivo (morrer ou matar, criança ainda, em nome do objeto-fetice); “o presente, que diz o acontecimento, e o infinitivo, que introduz o sentido na linguagem e o faz circular como esse neutro que, no discurso, é isso de que se fala” (Foucault, 2000d, p. 237). Ora, talvez aí resida a grande dificuldade de entendermos a análise arqueológica, a descrição dos enunciados-acontecimentos. Positivistas, queremos os fatos; representacionistas, queremos os nomes e seus referentes-coisas; ideologistas, queremos com ganas a tudo e a todos desvelar, acordar sentidos que dormiriam nos objetos e nos lugares, atribuir-lhes – às palavras e às coisas – intenções claras e precisas, manipulações, tramas maquiavélicas, deturpações diversas, distorções. Como aceitar esse quase neutro, esse domínio do *ça parle*, do “diz-se”, do “sabe-se que”, esse quase modo infinitivo que existe para além dos fatos “concretos” e das enunciações e proposições? Como descrever esse algo mais, essa função a atravessar coisas ditas e vividas? Esse algo mais que é simultaneamente da ordem do visível e da ordem do enunciável? Como operar em nossas investigações com esse algo mais que nos fala de inúmeras multiplicidades? Como, enfim, dar conta do enunciado que, por sua vez, não existe a não ser no emaranhado de práticas discursivas e não-discursivas, práticas de saber e relações de poder, práticas inseparáveis da relação entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência (de si)?

Propositadamente, parto do enunciado em Foucault e percorro, meteórica, quase irresponsável, um conjunto de escritos de Foucault, sobre a loucura, a sexualidade, a delinquência, as práticas de si, para sublinhar o que fascina e ao mesmo tempo incomoda a muitos nos textos do filósofo-historiador: a insistência na problematização do próprio problema, a prática de uma pesquisa e de uma escrita que disponibilizam ao leitor os dados, muitos dados, jamais apresentados como tais, atômicos e “concretos”; pelo contrário, narrados na sua condição de multiplicidades, sempre multiplicidades: multiplicidades dos visíveis e dos enunciáveis; multiplicidades dos sujeitos, sujeições e modos de subjetivação; multiplicidades, enfim, do acontecimento. Nada em Foucault se resolve pela distinta clareza das coisas ditas e das práticas institucionais: há que se problematizar, nos diferentes campos do saber, o que vivemos no presente; melhor, os modos dispersos pelos quais nos tornamos a diferença que hoje somos. Veremos que Foucault, no permanente movimento de sua filosofia, nos falou sempre disso: como (cheguei) chegamos a ser a diferença que (sou) somos agora?

Nos rastros de acontecimentos, dos erros e desvios

As latas de conserva e os rostos em série do artista *pop* Andy Warhol são lembrados por Foucault, ainda em “Theatrum Philosophicum”, para argumentar em favor da descrição das multiplicidades: rótulo de sopa enlatada, sorriso reduplicado e louro de Marilyn Monroe – não passariam eles de vazios estúpidos da ordem do discurso publicitário, em seu auge norte-americano dos anos 60? Para Foucault, não:

(...) ao contemplar de frente essa monotonia em limites, o que subitamente se ilumina é a própria multiplicidade – sem nada no centro, nem no ápice, nem além –, crepitação de luz que corre ainda mais rápido que o olhar e que, a cada vez, ilumina essas etiquetas móveis, esses instantâneos cativos que, desde então, para sempre, sem nada formular, se fazem signo: subitamente, sobre o fundo da velha inércia equivalente, o rastro do acontecimento dilacera a obscuridade, e o eterno fantasma se diz a partir dessa lata, desse rosto singular, sem densidade (Foucault, 2000d, p. 249).

Nessa perspectiva, o ato de pensar seria talvez contemplar, bem de perto, os erros, as tolices, fazer-se catatônico, mudo, surdo, cego, confrontar-se e deixar-se até confundir com as sombras e opacidades para, em instantes, separar-se de toda a confusão e esperar o impacto da diferença. “Pensar não consola nem torna feliz”, escreve Foucault sobre Deleuze, mas sempre vale a pena quando houver ressonância entre a languidez e o arrastado do pensamento, a diligência da repetição e o lance de sorte para além do copo de dados (idem, p. 251). Foucault fala aí sobre si mesmo também, sobre o fascínio que sempre demonstrou em seus livros – livros-experimentação, livros-experiência –, nos quais podemos acompanhar a tortuosidade de um pensamento que, quase obsessivo na enumeração de positivities⁷, não se cansa contudo de apontar lacunas, de falar de começos interrompidos ou de conclusões não efetivadas, de mudanças de rumo. Justamente por isso são livros de ressonância, de pensamento que multiplica discursos, sujeitos, práticas não-discursivas, relações de poder, e que se multiplica a si mesmo, nos próprios ditos e “achados”.

Quantas vezes Foucault escreveu sobre a verdade e o discurso? Quantas sobre as relações de poder? Quantas sobre as práticas de si, sobre a função-enunciado, a função-sujeito? Inúmeras. Múltiplas. Sim, múltiplas e jamais as mesmas. Qualquer mudança, qualquer reorganização dos discursos e das ciências, de estratégias disciplinares ou de controle, Foucault transformava em convite para examinar atentamente não *a* grande mudança global, mas a miríade de mudanças, em arranjos também múltiplos, irreduzíveis a um só ponto – um indivíduo, um autor, um fato histórico inconfundível e grandioso, uma descoberta tecnológica surpreendente. Assim, entregar-se a descrever transformações sem recorrer, preguiçosos, a um corpo limitado de mudanças ou influências causais

– menos ainda a atos intencionais de atores-sujeitos-autores de discursos científicos, literários, acadêmicos –, parecia a Foucault o caminho mais difícil, em nada mágico e maravilhoso. Era o caminho das pedras, talvez; o caminho de Antígona, de buscar o impossível, de morrer como poucos. O caminho daquele que diz: “Quando me faltarem forças, cessarei” (...) “deixa que minha loucura se afunde em horrores. Não padecerei, com certeza, nada que não seja morrer gloriosamente” (Sófocles, 1999, p. 13-14).

O que haveria de poético ou de trágico no caminho aparentemente frio e metálico da pesquisa arqueológica foucaultiana? Não estaria eu exagerando? Talvez sim. Mas escolho dizer que não. Não isolo um primeiro, um segundo e um terceiro Foucault. Prefiro replicá-lo, a ele e à sua obra, multiplicando-o, embaralhando seus ditos e escritos e tornando-o sempre outro, para fazê-lo visitar leituras de hoje, pesquisas em educação no Brasil de 2004, vinte anos após sua morte, para vê-lo mais uma vez dizer o imponderável sobre este presente, que não cessa de render-lhe homenagens, pela coragem de ter-se deixado tremer, quase cair, equilibrar-se sem equilíbrio na linha feiticeira que o fazia avistar ali, bem à sua frente, sombras de morte, sinais de loucura. Assim é que a tragédia de Antígona me ocorre de pronto, ao escrever sobre Foucault, e me coloca diante das questões postas por Sófocles: a ordem da pólis e dos cidadãos ou a ordem dos deuses? As leis perenes ou as leis do poder de hoje? As perguntas da tragédia ecoam até nossos dias, embora não sejam nem possam ser as mesmas. Os obscuros e infames, nos diz Foucault, como Antígona, atingiram a luz justamente quando se defrontaram com o poder: encarcerados, nomeados, julgados, narrados (quem sabe, mortos também entre duas paredes), tiveram e têm toda a luz sobre eles; tiveram, têm, poderão ter – súbitos, honrados ou patéticos momentos de glória.

Escrever sobre os infames, entregar-se às práticas discursivas e não-discursivas relativas a esses insensatos ou indesejáveis pode sugerir a imagem do que seria seguir os rastros dos acontecimentos, não naquilo que neles se faz tão facilmente próximo e presente, tão parcimonioso e reducionista, mas naquilo que neles é bruma, quase indistinção. Em suma, naquilo que se produz como “proliferação milenar dos erros” – assim escreve Foucault num de seus mais belos textos, “Nietzsche, a genealogia e a história” (Foucault, 2000c, p. 263).

Tomemos aqui o exemplo de outro tema de pesquisa na área educacional: a alfabetização de jovens e adultos. E perguntemos: o que se passou com a educação desses grupos no Brasil, desde meados do século XX? Não poderia ser um bom caminho de investigação indagar sobre quais os acidentes, quais os desvios, quais os erros, as falhas, quanto a esse objeto, que se tornou valor (e problema) para os educadores comprometidos, emancipadores e emancipatórios, estudiosos de todas as colorações políticas, e sobretudo de esquerda? Ao invés de concentrar as buscas nas origens primeiras, o passo inaugural (desde a Campanha de Educação de Adultos do Ministério da Educação e da Saúde, em

1947; ou desde o Programa Nacional de Alfabetização e do Método Paulo Freire, no início da década de 60), por que não indagar sobre uma proveniência, que nos fala de marcas singulares, sutis, que faz multiplicarem-se mil acontecimentos dispersos, para além das puras objetividades datadas e da solenidade dos grandes acontecimentos? Por que não indagar sobre aquilo que escapa aos grandes planos de educação, sobre aquilo que se relaciona mais de perto com a superfície dos corpos, sim, do corpo de jovens e adultos, corpo alfabetizado, “corpo que sustenta, em sua vida e sua morte, em sua força e fraqueza, a sansão de qualquer verdade e de qualquer erro, tal como ele sustenta também, e inversamente, a origem – a proveniência” (idem, p. 267)? Por que, enfim, não perguntar sobre pontos dispersos de surgimento, emergência de determinados discursos, emergência que sempre se dará no interior de um jogo complexo de forças, de confrontação, e que não ocorreria num lugar específico, nem poderia ter fronteiras muito nítidas, mas que seria, antes, jogo produzido em interstícios – de poder, de saber, de modos de subjetivação, de linhas de fuga? (idem, p. 269).

Complicar o pensamento: um modo de pesquisar o presente

Viagens pelos textos de Foucault, a meu ver, mobilizam o pesquisador a isto que sugerimos no exemplo acima e em todo este texto: mobilizam-nos a multiplicar perguntas, a *complicar* – como escreve Frédéric Gros, no apêndice ao livro *A hermenêutica do sujeito* (Foucault, 2004). Penso, de acordo com Gros, que não há em Foucault um abandono dos temas mais queridos do filósofo, como o do discurso, da verdade, do político, nos últimos anos de sua vida: o que ele faz nesse período é efetivamente *complicar* o pensamento sobre poder e verdade, explorando o tema do cuidado de si e da relação consigo, da ética do sujeito. Quando os críticos e mesmo os fiéis seguidores insistiam em carimbar nele a etiqueta de “teórico do poder”, Foucault devolvia a simplificação reducionista com uma nova “virada”, com uma nova inquietação, com a efetiva complexificação do pensamento, do próprio modo de pensar. E é dessa herança que desejo falar agora neste artigo, para concluí-lo.

Os escritos da década de 80, na verdade, acabam por nos deixar mais inquietos do que já nos haviam deixado os anteriores – *A história da loucura*, *O nascimento da clínica*, *A arqueologia do saber*, *Vigiar e punir* e *A vontade de saber*. É que os estudos das técnicas e das artes da existência na Antigüidade pagã greco-romana – nos volumes II e III de sua *História da sexualidade* (respectivamente, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*), e mais detalhadamente no curso *A hermenêutica do sujeito* – fazem aparecer “uma outra figura do sujeito, não mais constituído, mas constituindo-se através de práticas regradas” (Gros, 2004, p. 621). Havia nesses derradeiros escritos – como também sucedeu com as obras desde os anos 50 e 60 – uma clara questão do presente, no caso, relacio-

nada não só ao “culto californiano do eu” dos anos 70, nos Estados Unidos, mas aos inúmeros modos pelos quais, naquele e neste hoje, nos tornamos sujeitos de discursos verdadeiros e os fazemos “nossos”. Esse é o ponto, essa a maravilhosa herança, à qual podemos ter acesso mais uma vez, percorrendo as páginas do Curso, páginas que se deixam impregnar pelo momento mesmo das aulas, e que exemplificam a cada encontro, a cada trecho lido ou falado por Foucault, o aprendizado de multiplicar as perguntas sobre o que nos inquieta no presente, a partir de um determinado campo de saber e a partir de um determinado *corpus* empírico.

Degustar as páginas do curso completo sobre a hermenêutica do sujeito acrescenta argumentos em favor do modo foucaultiano de trabalhar, que identificamos em vários de seus escritos. Leva-nos a assumir, com ele, esse jeito de estudar e de investigar, segundo o qual há que se operar por cortes, cortes transversais, pesquisar as camadas do pensamento, como se estas fossem placas tectônicas sempre passíveis de um dia mover-se e produzir verdadeiros terremotos e maremotos; tratá-las em sua riqueza e multiplicidade, a partir de uma imersão meticulosa, cuidadosa, minuciosa, nos materiais empíricos – no caso de Foucault e desse curso, os textos de Sêneca, Marco Aurélio, Epitecto, Platão, Rufus, entre tantos outros. Tal imersão é feita pelo filósofo de modo a produzir novas questões sobre o sujeito: afinal, tratava-se, naqueles pensadores antigos, de sujeição ou de subjetivação? Conhecimento de si ou cuidado de si? Tratava-se de relações consigo para sempre normalizadoras, porque regradas, ou passíveis de uma ética e uma estética da existência, para além das normas e regras?

Ora, como nos diz Gros, não se trata de uma coisa *ou* outra. Nem de mera justaposição temática: a normalização e a disciplina em *Vigiar e punir* e, logo a seguir, justapostas, as técnicas de si e a relação consigo. Não. Trata-se, em Foucault, de pensar, naquele momento, algo antes impensado na pesquisa anterior (Gros, *idem*, p. 624): no caso, uma das questões que passam a ser tratadas é a que se refere ao tema do acesso à verdade, em relação com uma ética do sujeito. Esse era o problema que fervilhava em Foucault nos últimos escritos e que, parece-me, se torna também radicalmente nosso, neste Brasil do Século XXI, num tempo em que proliferam textos os mais variados sobre o mínimo eu, sobre os ínfimos detalhes a serem cuidados em nossos corpos, sobre as prosaicas (normalizadas e normalizadoras) práticas cotidianas da alimentação, da saúde, das relações amorosas e sexuais. E mais: num tempo em que textos sobre tais temáticas podem ser assinados por autores da academia ou por conselheiros espirituais midiáticos, todos misturados, nas prateleiras das pequenas ou das monumentais livrarias, nas incontáveis páginas da Internet, nas imagens da TV, nas páginas de jornais e revistas. Como fazer para distinguir tais documentos e autores entre si? E para que distingui-los? O que escolher como leitura para o aperfeiçoamento de si? Que tipo de arte de si seria proposto nesses documen-

tos? E, ainda: poderia dizer-se, desses materiais, que tratam propriamente de “artes de si”? Que artes? Que cuidados de si?

Sim, essa questão é nossa também porque, cada vez mais, temos todas as chances e possibilidades de acessarmos a inúmeras informações e dados sobre nós mesmos, sobre nossos genes, sobre o filho que ainda não geramos, enfim, sobre tudo o que sequer imaginamos desejar saber. Mas aí permanece um problema, posto por Foucault, a respeito do que Descartes já havia anunciado: a separação entre ética e acesso à verdade — o sujeito moderno pode *saber* sem necessariamente efetuar um trabalho ético sobre si mesmo, como ocorria na Antigüidade. Inverte-se a prioridade: da prioridade do sujeito ético passa-se à prioridade do sujeito do conhecimento verdadeiro. Isso, porém, não quer dizer que uma substitui a outra, desde então. Ou que uma é *melhor* do que a outra. Foucault opera na linha feiticeira entre uma e outra e sugere a dobra, a emergência do indivíduo-sujeito que está num entre-lugar, entre as técnicas de dominação de seu tempo e as técnicas de si com potência de fazerem do sujeito algo para além daquilo que está instituído. E sugere, para hoje ainda, a possibilidade da criação de artes da existência, de uma ética da existência simultaneamente amarrada aos poderes de um tempo e deles provisoriamente liberta e distante. Trata-se para ele de uma espécie de arte da vigilância, que ficaria no espaço *entre* as diferentes práticas instituídas – pedagógicas, políticas, religiosas. Uma arte de viver, vinculada sempre à relação com os outros – num movimento de preparação para os acontecimentos do mundo, para as lutas do nosso tempo, sem perder de vista a possibilidade de elaborar, para si mesmo, um estilo de existência, através de práticas de si relacionais e transversais, como escreve Gros (*idem*, p. 660).

O que afirmei na introdução deste artigo retorna agora, reforçado pelo que lemos e comentamos a respeito do último curso do filósofo, sobre a hermenêutica do sujeito. Repito e concluo que as matérias-primas de qualquer um dos estudos de Foucault eram (e são) as multiplicidades impuras de vida, o inesperado e imprevisível dos acontecimentos, os jogos de verdade em seus obstáculos sem controle mas para sempre imersos em relações de poder; a história das descontinuidades e do inquietante divórcio entre as palavras e as coisas. Quanto à atitude ensinada a cada livro, a cada aula de seus belíssimos cursos, esta não foi outra senão a da produção intelectual que se oferece generosamente ao aluno, ao leitor, aos possíveis herdeiros, como movimento incessante do pensamento – aquele pensamento que não se cansa de ser, sempre, diferente de si mesmo, ele próprio um acontecimento, ele próprio também multiplicidade.

Notas

1. Ver o artigo de Larrosa, neste número de *Educação & Realidade*, intitulado “A operação ensaio. Sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida”.
2. Ver a propósito FISCHER, 1996; 2000; 2002a; 2002b; 2003; 2004.
3. Trata-se do artigo “Crescer e multiplicar”, escrito a propósito do lançamento do livro *La logique du vivant. Une histoire de l'héritité*, de François Jacob, publicado no jornal *Le monde*, n. 8.037, em novembro de 1970.
4. Refiro-me à aula *L'ordre du discours (A ordem do discurso)*, proferida em 02 de dezembro de 1970 (FOUCAULT, 1971).
5. Foucault escreve nesse texto sobre os livros de Deleuze *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*, na revista *Critique*, n. 282, de novembro de 1970.
6. O filme *Cidade de Deus*, baseado no livro homônimo de Paulo Lins, tem direção de Fernando Meirelles e estreou em 2002. A microssérie *Cidade dos homens*, da Rede Globo de Televisão e da produtora 02 Filmes, foi exibida em três temporadas, desde 2002, e gira em torno dos personagens Acerola e Laranjinha, moradores de uma favela na Zona Sul do município do Rio de Janeiro.
7. Veja-se *História da loucura, O nascimento da clínica, Vigiar e punir*, os três volumes da *História da sexualidade* (respectivamente, FOUCAULT, 1995; 1991; 2003; 1990a; 1990b; 1985).

Referências Bibliográficas

- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso*. Mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 1996. Tese de Doutorado. 297 p.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Alteridade e cultura midiática: memórias de juventude*. Porto Alegre: UFRGS/CNPq, 2004. Projeto de pesquisa (texto digitado).
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia, juventude e reinvenção do espaço público*. Porto Alegre: UFRGS/CNPq, 2002a. Relatório parcial de pesquisa (texto digitado).
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED, nº 20, mai./jun./jul./ago. 2002b, p. 83-94.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. “Técnicas de si” na TV: a mídia se faz pedagógica. *Educação UNISINOS*. São Leopoldo (RS): v. 4, n. 7, p. 111-139, jul./dez. 2000.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 2ª. ed.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

- FOUCAULT, Michel. Crescer e multiplicar. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense, 2000a, p. 255-259.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990a.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense, 2000b, p. 145-152.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense, 2000c, p. 260-281.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Theatrum Philosophicum*. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense, 2000d, p. 230-254.
- GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 613-661.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Rosa Maria Bueno Fischer é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e pesquisadora do CNPq.

Endereço para correspondência:
Rua Dona Amélia, 187/201 – Santa Tereza.
90810-190 – Porto Alegre – RS
E-mail: rosabfischer@terra.com.br